O PERFIL DOS ESTUDANTES DA EJA DO 3º SEGMENTO E OS FATORES DE PERMANÊNCIA NA ESCOLA

PROFILE OF THIRD SEGMENT STUDENTS OF EJA AND SCHOOL PERMANENCE FACTORS

Jerlyane Alencar Gomes,
Roberta Valfoiria Guedes de Lima

RESUMO

Durante anos o Brasil discute porque ocorrem casos de evasão na Educação de Jovens e Adultos - EJA. Muitos são os motivos, mas é preciso evitar este fenômeno. A pesquisa teve como objetivo entender qual é o perfil do estudante da EJA, do 3º seguimento, do Centro de Ensino Fundamental 411, localizado em Samambaia, no Distrito Federal e quais são os principais fatores que podem contribuir com a permanência deles na escola. Como problemática partiu-se do questionamento de que as aulas tradicionais seriam o principal fator que desmotiva a permanência dos estudantes na escola. Metodologicamente foi uma pesquisa de abordagem qualitativa, sendo uma pesquisa de campo que aconteceu de março a abril de 2019, no Centro de Ensino Fundamental 411, localizada em Samambaia, no Distrito Federal. A pesquisa foi realizada com 60 estudantes, do 3º segmento da EJA, por meio de um questionário fechado com perguntas de múltipla escolha. Concluiu que na escola pesquisada a maioria dos estudantes tem entre 18 e 30 anos, são mulheres, que não concluíram os estudos regulares porque tiveram que trabalhar para sustentar suas famílias e que acreditam que terão melhores chances profissionais e na vida se concluírem seus estudos, além de gostarem das aulas e dos professores, fatores que os levam a querer permanecer na escola.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Fator de Permanência; Perfil do Estudantes.

ABSTRACT

For years Brazil discusses why there are cases of dropout in Youth and Adult Education - EJA. There are many reasons, but this phenomenon must be avoided. The research aimed to understand what is the profile of the student of EJA, of the 3rd follow-up, of the Center of Elementary School 411, located in Samambaia, Federal District and what are the main factors that can contribute to their permanence in school. As a problem, it started from the question that traditional classes would be the main factor that discourages students from staying in school. Methodologically it was a research of qualitative approach, being a field research that took place from March to April 2019, at the Elementary School 411, located in Samambaia, in the Federal District. The survey was conducted with 60 students from the 3rd segment of the EJA, through a closed questionnaire with multiple choice questions. He concluded that in the school surveyed most students are between 18 and 30 years old, they are women, who have not completed their regular studies because they had to work to support their families and that they believe they will have better professional and life chances if they complete their studies. of liking classes and teachers, factors that make them want to stay in school.

Keywords: *Youth and Adult Education; Permanence factors; Student Profile.*

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos na Educação de Jovens e Adultos – EJA, muitas vezes nos reportamos a evasão, descontinuidades e incapacidade das políticas públicas, a desmotivação dos estudantes e a descontextualizarão do ensino, a legislação além de outros pontos de reflexão sobre esta modalidade. Porém, é de suma importância levantarmos dados sobre quais são os fatores que contribuem para que os estudantes adultos consigam terminar seus estudos na EJA.

Não é raro, e a literatura relata este fenômeno que, o número de estudantes que evadem da EJA chega até a ser superior dos que conseguem concluir os estudos. Além do preestabelecido em diversos discursos sociais de que a EJA é uma modalidade de ensino fraco e para camadas mais humildes.

A pesquisa em tela nasceu de um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, da Faculdade Projeção Ceilândia, a partir de uma visita técnica, na aula da disciplina de Educação de Jovens e Adultos, a uma escola pública de EJA

O objetivo que norteou a pesquisa foi entender qual é o perfil do estudante da EJA, do 3º seguimento, e quais são os principais fatores que podem contribuir com a permanência deles na escola. Como problemática partiu-se do questionamento de que as aulas tradicionais seriam o principal fator que desmotiva a permanência dos estudantes a concluir seus estudos.

Para nortear a coleta de dados da pesquisa, a pesquisadora teve como objetivos específicos apresentar um breve histórico da EJA e apresentar de forma sucinta o que a literatura destaca sobre o perfil do aluno da EJA.

A presente pesquisa é relevante porque contribui, por meio de um estudo de caso, com o conhecimento acerca de quem é o aluno da EJA e para o entendimento dos aspectos que influenciam na evasão escolar nessa modalidade, além das possibilidades de ações e estratégias que apoiem a permanência do estudante para que ele consiga concluir a educação básica.

BREVE HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL

Desde o início da história do Brasil Colônia, as manifestações instrutivas como normas, ensinamentos religiosos, ofícios eram inferidas como ações educativas. Os portugueses religiosos apresentaram aos índios (crianças, jovens e adultos) esses ensinamentos por meio da catequização.

Além de difundir o evangelho, tais educadores transmitiam normas de comportamento e ensinavam os ofícios necessários ao funcionamento da economia colonial, inicialmente aos indígenas e, posteriormente, aos escravos negros. Mais tarde, se encarregaram das escolas de humanidades para os colonizadores e seus filhos (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.109).

Os primeiros indícios da educação de adultos no Brasil são marcantes durante o processo de colonização, após a chegada dos padres jesuítas, em 1549. Estes investiram na catequização e na “instrução” de adultos e adolescentes, tanto de nativos quanto de colonizadores, diferenciando apenas os objetivos para cada grupo social (ARANHA, 2006).

Para os jesuítas, não seria possível converter os índios sem que eles soubessem ler e escrever. Segundo Souza (2007), assim, se verificava a

importância da alfabetização – catequização – na vida dos adultos, para que as pessoas “não-infantis” não apenas servissem a Igreja Católica, como também fossem úteis para o trabalho. Os mestiços e os filhos dos colonos tiveram suas primeiras orientações por meio das escolas de ordenação criadas pelo Padre Manuel de Nóbrega, que duraram até o período chamado “pombalino”, quando os jesuítas foram expulsos. A partir da expulsão dos jesuítas, o Marquês de Pombal organizou a educação pelos interesses do Estado (SOARES, 1996).

Os jesuítas dedicaram-se a realizar a atividade educativa e a pregação da religião católica. De acordo com Soares (1996), por meio do seu trabalho de catequizar abriram caminho para a entrada dos colonizadores. Á medida em que ensinavam as primeiras letras, ensinavam a doutrina católica e os costumes europeus. Desta forma, a partir do contexto apresentado, observa-se que a Educação de Jovens e Adultos não foi recente no país, pois foi realizada desde o Brasil Colônia. Por isso, quando se fala em educação para a população “não-infantil”, faz-se menção à população adulta, que precisava ser instruída para as causas da Igreja Católica (SOARES, 1996).

Com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal no século XVIII, desorganiza-se o ensino então estabelecido e, com isso, surgiu a responsabilidade do Estado de legislar sobre o ensino no Brasil e, no Império, ele retorna a ser ordenado (ARANHA, 2006). A expulsão dos jesuítas e as reformas feitas pelo Marquês de Pombal não deram fim a influência jesuítica no setor educacional, visto que os novos mestres - escola e os mentores da aristocracia rural foram instruídos pelos jesuítas. Já os mestres leigos das aulas e escolas régias se mostraram incapacitados de incorporar a modernidade que norteou a iniciativa pombalina. O processo de substituição dos educadores jesuítas durou treze anos, período em que a uniformidade de sua ação pedagógica foi substituída pela diversidade das disciplinas isoladas. De algum modo, a saída dos jesuítas estabeleceu o ensino público no Brasil (ARANHA, 2006).

Novas intervenções na Educação de Adultos aconteceram na época do Império. Foram abertas escolas noturnas para o ensino de jovens e adultos; estas possuíam qualidade inferior, e os cursos, geralmente, eram de breve duração. A Constituição Imperial de 1824 oportunizou a todos os cidadãos a instrução primária gratuita. Todavia, essa titularidade de cidadania foi restrita às pessoas livres, saídas das elites (SOARES, 1996). Conforme Haddad (2000) e Di Pierro (2000), no período de 1920 a 1930, os educadores e a população reivindicaram reconhecimento da educação de jovens e adultos em relação às políticas públicas e solicitavam que o Estado cumprisse a sua incumbência.

Contudo, conforme Gadotti (2005) e Romão (2005), foi somente a partir de 1930 que a educação básica de adultos começa a definir seu lugar na história da educação no Brasil. Uma das premissas sobre a Educação Popular foi ser um mecanismo da educação que prezasse os saberes do educando e sua realidade cultural na construção de novos conhecimentos. Assim, para Gadotti e Romão (2005), a educação de adultos foi melhor percebida quando se situou como Educação Popular. Meados do século XX, a EJA avançou seus conceitos no que diz respeito à dimensão política e legal da modalidade, a partir de movimentos populares. Para ilustrar a importância dessa relação EJA e Educação Popular o autor Barreto recorre a escrita de Paulo Freire.

A Educação de Adultos, virando Educação Popular, tornou-se mais abrangente. Certos programas como alfabetização, educação de base em profissionalização ou em saúde primária são apenas uma parte do trabalho mais amplo que se sugere quando se fala em Educação Popular. Educadores e grupos populares descobriram que Educação Popular foi sobretudo o processo permanente de refletir a militância; refletir, portanto, a sua capacidade de mobilizar em direção a objetivos próprios (FREIRE, 2003, p.16 citado por BARRETO, 2005, pp.44/45).

Os educadores deveriam ter em mente que não era viável educar pensando apenas nos procedimentos didáticos, e que era importante considerar o cotidiano em que cada educando estivesse inserido, suas experiências e vivências e, assim, o educar deveria ser de acordo com a cultura e a realidade de cada um deles (FEITOSA, 2011).

A Constituição Federativa dos Estados Unidos do Brasil de 1934 previu um capítulo exclusivo para referenciar a educação e cultura. Foi nessa Constituição que a Educação de Jovens e Adultos passa a ser vista de forma mais sistematizada, ou seja, organizada a partir da criação do Plano Nacional de Educação (PNE).

> Art.149.A educação foi direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no país, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana (BRASIL, 1934, p.184).
>
> Parágrafo único - O Plano Nacional de Educação constante de lei federal, nos termos dos arts. 5º, nº XIV, e 39, nº 8, letras a e e, só se poderá renovar em prazos determinados, e obedecerá às seguintes normas: a) ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos (BRASIL,2011, p.5).

Destaca-se ainda que, uma época de muitas transformações na Educação de Adultos foi 1940, pois houveram iniciativas políticas e pedagógicas, como a eclosão das primeiras obras especificamente dedicadas ao ensino supletivo, o lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos - CEAA, e a elaboração de materiais didáticos para adultos. Em 1945, com o fim da ditadura de Vargas, o país começou a viver uma enorme revolução no campo da política, e a sociedade passou por um período de grandes crises. Havia várias críticas quanto ao número de adultos analfabetos que obstruíam o desenvolvimento econômico do país. Passa-se a buscar uma educação para todos os cidadãos com a finalidade de mão de obra, fazendo com que a educação de adultos ganhasse importância na sociedade (SOARES, 1996).

Em 1950 e no início dos anos 1960, de acordo com Feitosa (2011), o educador Paulo Freire surgiu no cenário nacional com uma proposta de alfabetização conscientizadora, como um recurso de libertação das classes oprimidas. O verdadeiro progresso da modalidade, se deu no II Congresso Nacional de Educação de Jovens e Adultos, que ocorreu no ano de 1958. Em 1963, Paulo Freire apresentou o Plano Nacional de Alfabetização (PNA) que propunha um movimento de alfabetização que partisse do contexto de cada comunidade. Contudo, João Goulart, presidente naquele momento, sofreu um golpe político

liderado pelos militares brasileiros, e Freire, por causa de suas ideias consideradas revolucionárias pelo novo governo, foi exilado (FEITOSA, 2011).

Perante o problema do analfabetismo no Brasil e das pressões externas, o governo militar lançou, a partir de 1967, o MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização –, o qual, de acordo com Souza (2007), cresceu por todo território nacional. O MOBRAL existiu durante toda a atuação dos militares e foi encerrado com o fim da ditadura, vindo, em seguida, a Fundação Educar e o Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania, ambos extintos poucos anos depois de sua implantação, antes de alcançar as metas almejadas.

Em janeiro de 2003, o Ministério da Educação e Cultura - MEC anunciou que a Alfabetização de Jovens e Adultos era uma prioridade para o governo brasileiro. Dessa forma, foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, cuja meta era erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Para cumprir essa meta foi lançado o programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuiria com os órgãos públicos Estaduais e Municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para o desenvolvimento de ações pró-alfabetização. Estavam incluídos no Programa o Projeto Escola de Fábrica (voltado para cursos de formação profissional), o PROJOVEM (com enfoque central na qualificação para o trabalho unindo a implementação de ações comunitárias) e o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA) (SOARES, 1996).

Já em 2007 o Ministério da Educação (MEC) aprova a criação do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), passando, todas as modalidades de ensino, a fazer parte dos recursos financeiros destinados à educação (BRASIL, 2007).

O que se percebe é que, a EJA e seus sujeitos são motivo de preocupação no Brasil; porém por causa da descontinuidade das políticas públicas, o adulto analfabeto torna-se vítima de um sistema excludente e pensado para poucos (FRIEDRICH et.al, 2010).

PERFIL DOS ESTUDANTES DA EJA E A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR

Sempre foi importante ouvir, saber quem é o educando da EJA, ter curiosidade a respeito da sua história, para entendermos de onde vêm as ideias preconcebidas que julgam esses estudantes fracassados e inferiores. A escola e a sociedade, em diversas situações, deixaram marcas indeléveis nos adultos estudantes da EJA porque, em alguns casos, eles se sentem menos preparados para os desafios acadêmicos e profissionais vindouros, além de acharem que os conteúdos ensinados na escola desprezam o conhecimento de vida que trazem de sua trajetória.

Na Educação de Jovens e Adultos existem pessoas que carregam, em geral, marcas oriundas de longas histórias de rejeição por parte da escola e da sociedade. Geralmente, são estudantes que foram marcados por conta do modelo epistemológico fragmentador e que menospreza, como se fosse normal, os conhecimentos e saberes de experiências feitas. Com estas marcas o que se constata, frequentemente, foi um grupo de pessoas que portam uma baixa autoestima e complexo de inferioridade. O menosprezo e a desvalorização por sua “

bagagem cultural'' causa no educando o sentimento de inferioridade e acarreta a baixa autoestima (BARCELOS, 2014).

A EJA não se restringe à compensação de uma educação básica que outrora não foi possível, mas volta-se para responder às múltiplas necessidades que os adultos possuem para viverem na sociedade do conhecimento. Portanto, o conhecimento adquirido não foi apenas para que o jovem e o adulto saibam codificar, mas para o seu pleno desenvolvimento integral.

Ao analisar as dificuldades que o estudante adulto possui ao retornar à sua trajetória escolar, conforme Freire (2018), uma das mais árduas tarefas da prática educativa-crítica é proporcionar condições em que os educandos em suas relações, com outros e com o professor (a), experenciem a possibilidade do empoderamento e reconhecimento de sua identidade cultural. Desta forma, os estudantes, se assumam como um ser social e histórico, racional, comunicante, transformador, criador e com condições de escolhas. Por isso, reconhecer que esses jovens possuem capacidades individuais e transformadoras é uma iniciativa necessária para fazer com que eles permaneçam na escola.

O perfil desta população é muito diverso, inclui estudantes trabalhadores que necessitam adequar seus afazeres domésticos e profissionais com o ofício do estudo. Além disso, o estudante que chega ao Ensino Médio, em geral, é pressionado pela sociedade, em ter uma posição no mercado de trabalho. A maior parte desses estudantes percebem a necessidade de retornar à escola, por vezes, pela dificuldade em obter um emprego, pela iminência de perdê-lo, pela necessidade de ampliar sua capacitação com um certificado ou diploma, ou até mesmo, para manter-se numa posição profissional já conquistada (LIONCIO, 2009).

A Educação de Jovens e Adultos pode se constituir em uma das portas que oportuniza possibilidades a uma significativa parcela de brasileiros e brasileiras, que não tiveram condições de frequentar a escola na idade adequada, o alcance aos diferentes bens e serviços produzidos em sociedade (BARCELOS, 2014).

Os estudantes mais longevos que integram a EJA, muitas vezes, são penalizados com o preconceito de que são incapazes de aprender por causa da idade. Schwartz (2013) ressalta que, o pensamento generalizado de ser analfabeto jovem e adulto no Brasil têm assumido uma perspectiva que expressa ideias negativas sobre esses adultos analfabetos, tais como, a dificuldade de aprendizagem ser relacionada com a idade do aprendiz e de que eles tem objetivos pouco ambiciosos, discursos que aparecem nas propostas de alfabetização de jovens e adultos, elaborados e executados por diferentes segmentos da sociedade e que explicitam alguns desses preconceitos.

Pertinente ao perfil, percebe-se ainda no cenário da EJA, que os aspectos sociais e psicológicos que permeiam o retorno dos estudantes adultos à escola, que muitas vezes anseia por perspectivas e garantias de sucesso na vida, estão envoltos na expectativa do caráter reparador desta modalidade de educação.

No momento em que se refere a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos, se questiona qual é a melhor maneira ou os melhores métodos para ensinar nessa modalidade. Essas considerações sobre o tema abrangem concepções referente à relação dialógica entre o educador-educando e indagações a respeito da maneira distinta que é lidar com as pessoas que agregam essa modalidade. Portanto, para Freire (2018) em sua proposta, o processo educativo está centrado

na mediação educador-educando com o mundo, por isso é importante que o professor deixe de ser um transmissor para posicionar-se como mediador.

O professor tem papel primordial no processo de construção do conhecimento. Ele é o mediador entre os estudantes e os conteúdos, propiciando a interação dos mesmos por meio de intervenções pedagógicas intencionais, desafiadoras, pois, segundo Paulo Freire a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2017, p.11), o que possibilita perceber que em tudo o que se aprende não está no mundo por acaso, e o cotidiano do qual se faz parte está aí desde todo o sempre, foi cultural e histórico.

Assim, o docente, embora domine e tenha conhecimento das competências que o discente ainda não possui, não é superior ao discente, mas faz parte do processo de ensino e aprendizagem, pois ambos são sujeitos imprescindíveis na construção do saber, portanto “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2018, p.25). Ensinar um estudante transcende simplesmente transmitir conhecimentos, é proporcionar possibilidades para os estudantes construírem seu conhecimento, de forma crítica (FREIRE, 2018).

Se não existir afetividade nas relações docente - discente, o docente se vê como o centro do processo educativo e o estudante como o seu objeto a ser formado. Assim, nessa relação, ocorre o que Freire (2013) critica como “educação bancária”, um tipo de educação acrítica e passiva e forçosa aos estudantes, na qual a prática pedagógica se reduz ao ato de transferir, depositar e transmitir valores e conhecimentos.

Distintivamente do modelo de educação bancária, Paulo Freire diz que a relação docente-discente em sala de aula precisa estar no mesmo patamar de igualdade, numa relação dialógica, onde ambos desenvolvem e aprendem um com o outro, onde o pensar do estudante não pode ser inibido pelo pensar do docente, mas ser complementado por este. A afetividade propicia o fortalecimento do processo dialógico desfazendo a relação de dominação de saberes e o bom senso do professor diminui a distância entre o discurso e a prática, deixando transparecer verdades em seus ensinamentos (FREIRE, 2018, p.61).

Outra forma de expressar a afetividade nas relações pedagógicas é saber ouvir os estudantes, estando aberto ao outro, possibilitando momentos de diálogo. Escutar é estar disponível à fala do outro, respeitar as suas diferenças, dialogar e discordar. Paulo Freire (2018, p.113-116) afirma que “apenas quem sabe escutar é que aprende a falar com os estudantes, pois só quando o professor escuta criticamente e pacientemente seus estudantes é que aprende a falar com eles”.

Os estudantes da EJA precisam de um ambiente de aprendizagem que proporcione um espaço facilitador para o diálogo democrático, que de vez a sua voz que não foi valorizada suficientemente no espaço escolar, durante muito tempo, pois uma fala autoritária silencia e impossibilita o diálogo. É relevante essa relação dialógica para que possa ter ciência do que esses jovens e adultos pensam, entendem e a sua expectativa em relação a escola após tempos de afastamento.

Ao considerar a EJA, enquanto espaço de desenvolvimento e cidadania, torna-se fundamental conhecer e entender quem é o profissional que atua nesta modalidade, bem como suas perspectivas sobre este espaço e as características de sua formação. Por isso, a ausência de profissionais com o perfil para atuar na Educação de Jovens e Adultos é um problema preocupante, pois o mesmo será

marcante para o desenvolvimento intelectual e emocional do discente. Ser docente da EJA não é para qualquer profissional da educação; ele deve ser um mediador. É necessário que tenha um perfil adequado, pois a metodologia precisa ser diferenciada atendendo as demandas da Andragogia.

Assim, conhecer o perfil do estudante da EJA e fomentar práticas que promovam seu letramento e o fortalecimento de sua autoestima, é um desafio para o professor mediador, para o Currículo e para o Projeto Educativo da escola. Para tanto, é indispensável desvendar a história, os costumes, a cultura, as características, os sonhos, as angústias e as ambições que trazem consigo as marcas indeléveis da identidade dos estudantes da EJA.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Quanto a natureza é a pesquisa básica. Ela é feita por quem tem curiosidade intelectual, isto é, ampliar o conhecimento sobre determinado conteúdo ou assunto. Bem como descobrir novos acontecimentos e constituir conhecimentos básicos. Assim, de acordo com Gil (2008, p. 42) este tipo de pesquisa "procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas".

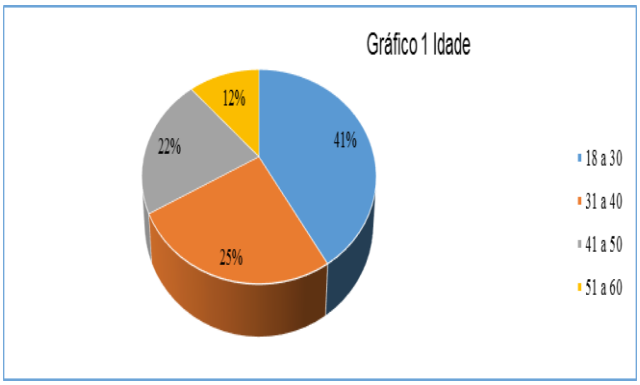
Os procedimentos técnicos e o objeto da pesquisa são bibliográficos e de campo onde a pesquisa bibliográfica é aprofundada com base em material já produzido, constituído basicamente de artigos científicos e livros. Não se aconselha trabalhos provindos da internet (GIL, 2008).

O estudo de campo pesquisa o aprofundamento de uma realidade peculiar. É sobretudo realizada por meio da observação das atividades de um grupo estudado e de entrevistas com informantes para obter as explicações e perspectivas do acontecem naquela realidade (GIL, 2008).

Para coleta de dados, foi entregue um questionário para 60 professores de 3º segmento do EJA, com o intuito de identificar quem são os estudantes e o quais são os fatores que os alunos destacam como importantes para não desistirem de seus estudos. A pesquisa aconteceu no período de março a abril de 2019, na no Centro de Ensino Fundamental 411, localizada em Samambaia, no Distrito Federal. De acordo com Gil (2002), o questionário, em virtude de suas características, é a técnica mais simples para a coleta de dados e para traduzir os objetivos específicos da pesquisa.

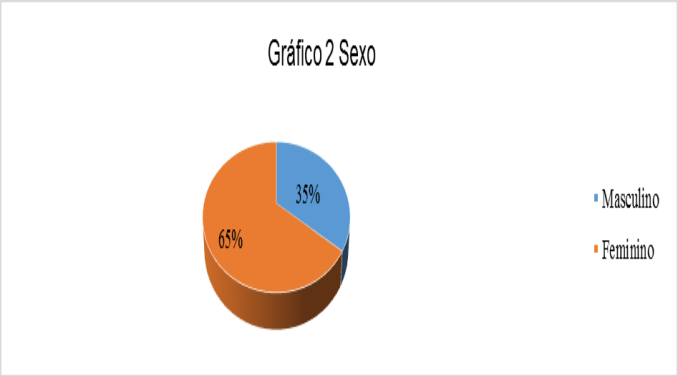
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com relação a idade, os 60 estudantes entrevistados, são pessoas de 18 a 60 anos cursando o ensino médio da EJA, 3º segmento. É observado que o maior percentual da idade dos indivíduos que frequentam essa modalidade são dos mais jovens de 18 a 30 anos, 41% dos respondentes, conforme gráfico 1.



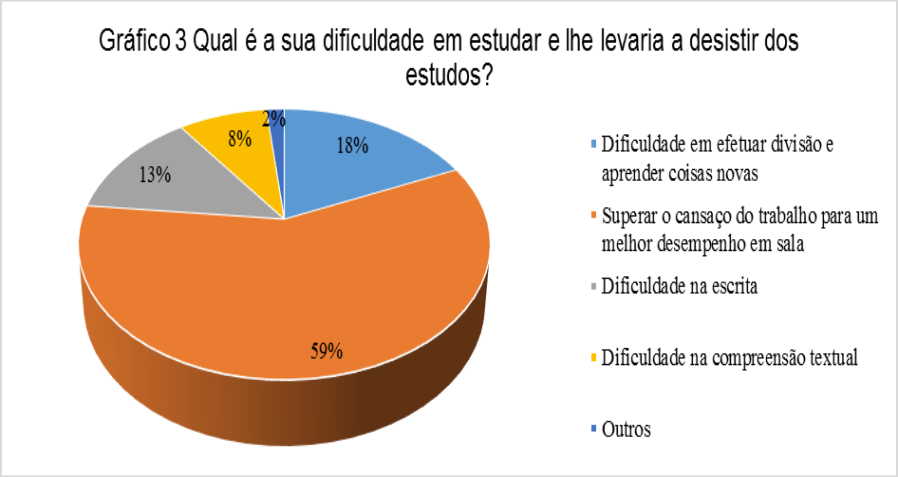
Fonte: Elaboração pelas autoras.

Quanto ao sexo, dentre os estudantes entrevistados, a proporção de mulheres que frequentam a EJA é de 65% sendo os homens 35% dos estudantes do 3º segmento, conforme gráfico 2.



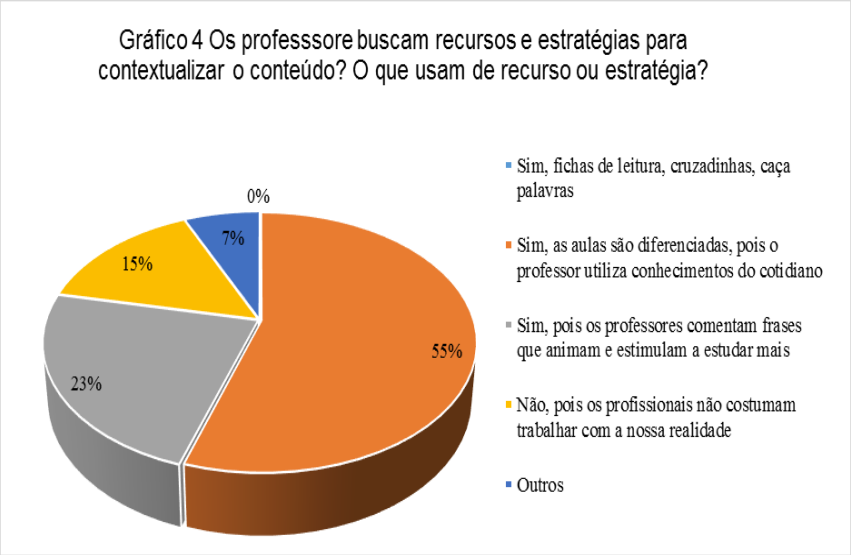
Fonte: Elaboração pelas autoras

Em relação aos motivos que levam o estudante a ter dificuldades em estudar, 59% dos estudantes responderam que o grande desafio é superar o cansaço para um melhor desempenho em sala de aula e que este é um motivo que lhe faria desistir dos estudos. Já 18% dos pesquisados responderam que a sua dificuldade é com a divisão e aprender coisas novas; 8% dos respondentes relatam ter dificuldades com a compreensão textual; 13% responderam é a dificuldade na escrita e 2% responderam ser outros motivos variados e que não queriam dizer.



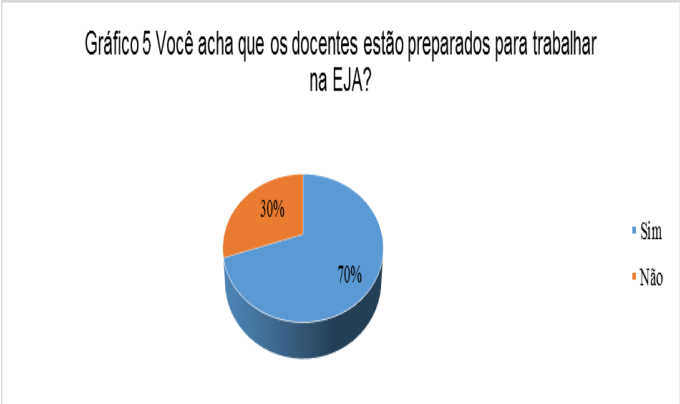
Fonte: Elaboração pelas autoras

O gráfico 4 apresenta as respostas dos entrevistados em relação aos recursos que os professores utilizam para motivar os estudantes a estudar. Apenas 15% respondeu que os professores não trabalham com a realidade dos estudantes e 85% respondeu que sim os professores buscam recursos e estratégias para contextualizar o conteúdo. Mais da metade dos entrevistados responderam que os discentes (55%), acreditam que as aulas diferenciadas que o professor utiliza os conhecimentos do cotidiano ajudam eles a aprender e ter vontade de estudar. Já 23% respondeu que comentar frases que os animam e estimulam a estudar mais. Logo, entendeu-se que contextualizar o conteúdo ministrado na sala de aula com o meio social do discente colabora com a assimilação e entendimento dos conteúdos.



Fonte: Elaboração pelas autoras

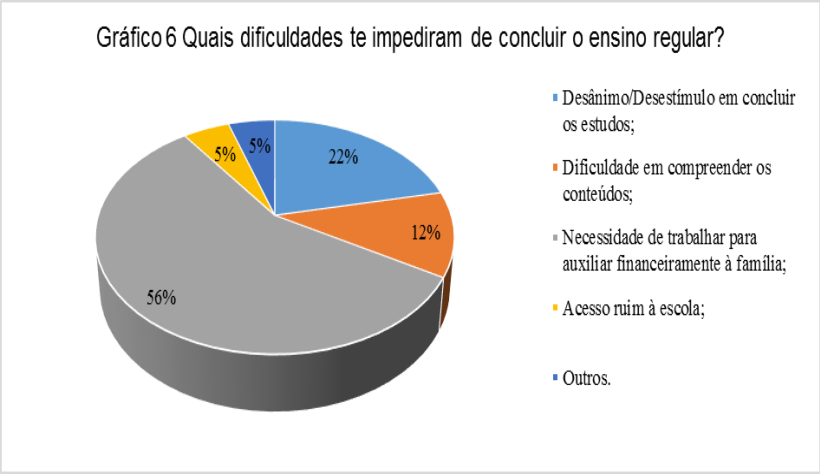
No gráfico 5 foi perguntado se os professores estavam preparados para trabalhar na EJA. O total de 70% dos respondentes disse que sim e 30% disseram que não estão preparados. É necessário ter a preocupação com a formação docente nessa modalidade, pois a permanência dos estudantes da EJA é influenciada pela capacidade técnica do professor, que é adquirida tanto na formação inicial como na formação continuada.



Fonte: Elaboração pelas autoras

Em relação as dificuldades que impediram os estudantes a cursar o ensino regular, 56% dos estudantes responderam que tiveram necessidade de trabalhar

para auxiliar financeiramente a família, 22% responderam desânimo ou desestímulo em concluir os estudos; 12% dificuldade em compreender o conteúdo e 5% acesso ruim a escola e 5% outros motivos que não quiseram revelar (Gráfico 6).

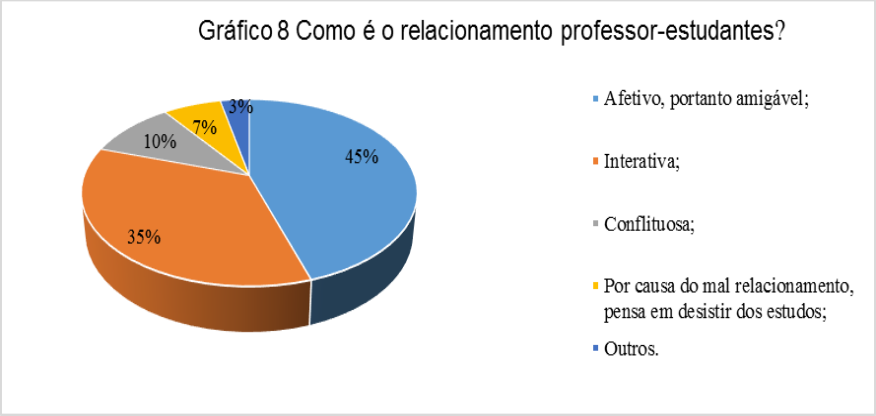


Fonte: Elaboração pelas autoras

No gráfico 7, as pesquisadoras perguntaram qual foi a motivação que o estudante teve para retornar à escola e concluir os seus estudos. De acordo com as informações do gráfico, a maior parte dos estudantes, totalizando 46%, anseiam por meio da escola e do estudo ter uma oportunidade de ascensão profissional; 32% quer ter um diploma; 12% fazer um curso técnico profissionalizante; 8% voltou por incentivo da família e amigos e 2% outros motivos.

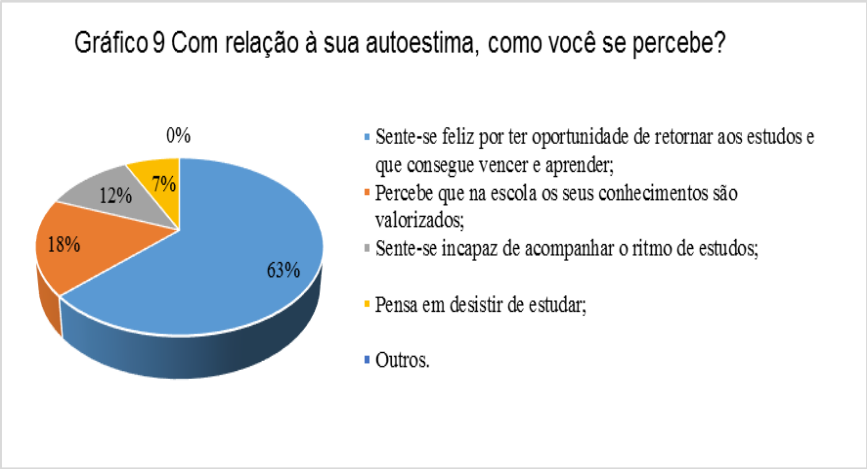
Fonte: Elaboração pelas autoras

Em relação ao relacionamento professor e estudante 45% dos estudantes responderam ser afetiva e amigável; 35% responderam ser interativa; 10% conflituosa; 7%respondeu ser ruim, por isso pensou em desistir dos estudos e 3% outras respostas (Gráfico 8)



Fonte: Elaboração pelas autoras

Em relação a como o estudante percebe sua autoestima. No gráfico 9 os respondentes disseram que 63% se sentem contentes em ter retornando aos estudos e que conseguiram vencer os desafios e aprender; 18% acreditam que na escola seus conhecimentos são valorizados; 12% sentem-se incapazes de acompanhar os estudos e 7% pensam em desistir de estudar.



Fonte: Elaboração pelas autoras

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A pesquisa teve como objetivo entender qual é o perfil do estudante da EJA, do 3º seguimento, do Centro de Ensino Fundamental 411, localizada em Samambaia, no Distrito Federal e quais são os principais motivos que podem contribuir com a permanência deles na escola.

A partir dos dados coletados destacam-se as seguintes evidências: os entrevistados na escola, na maioria, são jovens de 18 a 30 anos, mulheres, que percebem que o professor utiliza os conhecimentos do cotidiano para estimular a aprendizagem, que são bem preparados, além de ter uma relação amigável com seus estudantes. Ainda, evidenciou-se que os estudantes têm como desafio superar o cansaço diário e a necessidade de trabalhar para ajudar a família financeiramente, um dos principais motivos de não terem concluído a educação básica na idade correta.

Os dados da pesquisa evidenciam que a EJA, tem a marca de trazer para os estudantes a esperança de terem melhorias na vida social e, especialmente, no campo profissional. Destacamos ainda que, o importante papel do professor como mediador do conhecimento, que o mesmo deverá estar atento a realidade de cada estudante e que há necessidade de recursos e estratégias que apoiem estes adultos nos seus estudos.

Recomenda-se que as aulas da EJA sejam prazerosas, interessantes, contextualizadas com o seu meio social e profissional. Neste sentido, o Currículo, o Projeto Educativo, o planejamento e a prática pedagógica precisam alinhar teoria e prática, à luz da Andragogia.

Ainda, recomenda-se que seja oferecido na EJA o itinerário formativo profissionalizante para que desta forma, haja mais condições de oportunidade de qualificação profissional e acesso ao mundo do trabalho. Esta alternativa pode ser atrativa e um diferencial para que o estudante permanece e conclua seu curso

REFERÊNCIAS

AJALA, Michelle Cristina. **ALUNO EJA:** motivos de abandono e retorno escolar na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena-PR, 2011. 45 p. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, 2011.

AIRES, Luísa. ***Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional.*** Lisboa: Universidade Aberta, 2015.

ANDRIOLA, W. B. (2014). **Avaliação diagnóstica da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 22, n. 82, p. 171-196.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia:** geral e Brasil. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BARCELOS, Valdo. **Avaliação na Educação de Jovens e Adultos:** uma proposta solidária e cooperativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BARRETO, Sabrina das Neves**. O processo de alfabetização na MOVA RS:** narrativas e significados na vida de mulheres. Dissertação – Fundação Universidade de Rio Grande, Rio Grande, 2005.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais da Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em: <http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/diretrizes_eja_2014_2017.pdf.> Acesso em: 14 abr. 2019.

_____. **Documento Base Nacional Preparatório à VI Confintea** (Conferência Internacional de Educação de Adultos). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2008.

_____, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei n° 9.394/96.Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

_____, **Relatório do 2° ciclo de monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação** – 2018. Disponível em: < http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/RELAT%C3%93RIO+DO+SEGUNDO+CICLO+DE+MONITORAMENTO+DAS+METAS+DO+PNE+2018/9a039877-34a5-4e6a-bcfd-ce93936d7e60?version=1.17>. Acesso em: 30 abr. 2019

_____, **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos:** alunos e alunas da EJA: Caderno 1.Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf>. Acesso em: 23/05/19.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. 27. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CAMPOS, E. L. F.; OLIVEIRA D. A. **A Infrequência dos Alunos Adultos, Trabalhadores, em Processo de Alfabetização, na Universidade Federal de Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CAMARGO, P. da S. A S., MARTINELLIS. de C.,**Educação de adultos**: percepções sobre o processo ensino-aprendizagem*. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE).*v 10, n 2, Jul/Dez, 2006, p 197-2009.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **Método Paulo Freire: A Reinvenção de um Legado.** Brasília: Liber Livro Editora, v. 2, 2011.

FERRARI, S. C. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente?** 2011. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_ShirleyCostaFerra.pdf> . Acesso em 21 maio. 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, v. 22, 2017.

_____. **Pedagogia da autonomia.** 56. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 67. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FRIEDRICH, Márcia; BENITE, Anna M. Canavarro; BENITE, Claudio R. Machado; PEREIRA, Viviane Soares. **Trajetórias da Escolarização de Jovens e Adultos no Brasil:** de plataformas de governo a propostas esvaziadas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/ensaio/v18n67/a11v1867>. Acesso em: 29 mar. 2019.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de Jovens e Adultos:** teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Diretrizes de Política Nacional de Educação de Jovens e Adultos:** São Paulo: CEDI, Ação Educativa, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARKONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIONCIO, Mayra de Paula**. Principais Motivadores da Evasão Escolar no Ensino Médio EJA**. Dissertaçao (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, São Paulo, 2009.

MACHADO, Jeferson Ventura. **Educação de Jovens e Adultos**: encantamento e permanência. 2012.Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS. 2012.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais:** um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2005.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos:** teoria e prática.3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de Jovens e Adultos: momentos históricos e desafios atuais. **Revista Presença Pedagógica**, v. 2, nº 11, Dimensão, set/out 1996.

SOUZA, M. A. **Educação de jovens e adultos.** Curitiba: Ibepx, 2007.